

# GÍRIA DE GRUPO: A PRESENÇA DA FIGURA DE LINGUAGEM NA FALA DAS INTERNAS DE UM PRESÍDIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA<sup>1</sup>

*Eliane Souza Pereira* (UESB)

[elianespereira@live.com](mailto:elianespereira@live.com)

*Valéria Viana Sousa* (UESB)

[valeriavianasousa@gmail.com](mailto:valeriavianasousa@gmail.com)

## RESUMO

Neste estudo, temos, como propósito, realizar uma análise das gírias de grupo classificadas como figuras de linguagem, presentes na fala das internas de um conjunto penal baiano. Os vocábulos gírios são recursos utilizados a fim de criptografar a linguagem, tornando-a secreta e acessível somente aos integrantes de determinado grupo, e configuram-se como elemento identitário. Nesse sentido, para nortear nosso estudo, tomamos considerações de figuras de linguagem de Remenche (2003) e Lakoff (2012) e de gíria de Preti (2004), bem como optamos pelo modelo teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista (LABOV, 2010), aplicando uma abordagem qualitativa. Assim, para a geração de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas e livres, aplicadas a um grupo de mulheres encarceradas no Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, de Vitória da Conquista-BA. Dessa forma, no contexto pesquisado, os resultados mostraram a existência de gírias que consistem em figuras de linguagem, empregadas como um artifício da oralidade para tornar a linguagem secreta, servindo, também, de marca de identidade do grupo.

**Palavras-chave:**

**Figuras de Linguagem. Gírias de grupo. Mulheres encarceradas.**

## ABSTRACT

In this study, we aim to carry out an analysis of group slang classified as figures of speech, present in the speech of the inmates of a Bahia penal group. The jargon words are resources used in order to encrypt language, making it secret and accessible only to members of a certain group, and are configured as an identity element. In this sense, to guide our study, we take considerations of figures of speech by Remenche (2003) and Lakoff (2012) and slang by Preti (2004), as well as opting for the theoretical-methodological model of variationist sociolinguistics (LABOV, 2010), applying a qualitative approach. Thus, for data generation, we used semi-structured and free interviews, applied to a group of women incarcerated in the criminal set Advogado Nilton Gonçalves, in Vitória da Conquista-BA. Thus, in the researched context, the results showed the existence of slangs that consist of figures of speech, used as an orality artifice to make the language secret, also serving as the group's identity mark.

**Keywords:**

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb). O conteúdo deste trabalho é produto do amparo dessa instituição.

## ***1. Introdução***

A linguagem representa a capacidade humana de pensar, aprender, construir e criar, afastando-nos do instinto animal de apenas reproduzir segundo conduz a natureza, e é essa capacidade que nos diferencia de outras espécies de seres vivos. Com a linguagem, permitimo-nos interagir, formar, compreender a nós mesmos, planejar e construir tecnologia e repassá-la adiante, bem como construir sociedades e civilizações, individualizando-nos um dos outros ao mesmo tempo em que nos unimos.

Nesse sentido, enquanto instrumento de interação, a linguagem não é estável e imutável, pelo contrário, ela evolui junto ao ser humano – não uma evolução no sentido de tornar-se melhor nem pior, mas, de sofrer variações no decorrer de sua disseminação, troca e falas, sincrônica e diacronicamente falando. Assim, essa mudança é notada no Português Brasileiro, que guarda uma grande variedade ao longo de sua diversidade de grupos, povos e extensão territorial, tanto na modalidade escrita quanto na oralidade. Diante disso, surge a Sociolinguística a fim de buscar entender e explicar a correlação entre língua(gem) e meio social.

A partir da abordagem teórica da Sociolinguística (LABOV, 2010), a língua é entendida como heterogênea e as variações são fenômenos intrínsecos a ela. Dessa forma, entre as variações elencadas por essa abordagem teórico-metodológica encontram-se as gírias. As gírias constituem-se como uma variação linguística de caráter diastrático, ou seja, social e identitário (de identificação e autoproteção), e representam as formas com as quais determinados grupos marginalizados pela sociedade, conforme afirma Preti (1984), utilizam para se expressar.

Destarte, um dos grupos em nosso país que estão à margem da sociedade, tanto pelo estigma quanto pela situação de vulnerabilidade e invisibilidade em que se encontram, são as mulheres encarceradas. Além de sofrer as mazelas do sistema carcerário brasileiro, essa parcela da população é atravessada por diversas opressões que se somam, como: desigualdade racial e de gênero. Somado a essa questão, as internas são inseridas em um ambiente (prisional) que, conforme Thompson (2002) cita Sparks (1971), constitui-se uma sociedade dentro da sociedade, isto é, um ambiente em que sofre a imposição não só de regras do Estado como também de uma organização clandestina interna. Essa organização é responsável por ditar normas, costumes, bem como produzir uma lin-

guagem própria, que, de forma oral, podemos detectar a produção lexical das gírias.

Nessa perspectiva, um dos artifícios utilizados para a criação de gírias criptológicas são as figuras de linguagem, especificamente neste trabalho representada pela metáfora. As figuras de linguagem é um recurso que permite a mudança do significado comum do vocábulo, realizada para inovar, chamar atenção, criar ou criptografar um significado (SACCONI, 2008), enquanto que a metáfora, uma das formas de figura de linguagem, é o emprego de uma palavra com sentido diverso do normal, por vezes, por meio da analogia. À vista disso, além de representar um recurso para a poesia, a metáfora representa um recurso utilizado no dia-a-dia, e, nesse caso, no vernáculo desses grupos marginalizados.

Isto posto, este trabalho tratará das figuras de linguagem, especificamente das metáforas, encontradas no vocabulário gírio do vernáculo das encarceradas do conjunto penal advogado Nilton Gonçalves. Para embasamento teórico e analítico do presente estudo, elegemos o prisma teórico-metodológico da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2010). Dessa forma, realizamos a análise de dados a partir das ocorrências coletadas nas entrevistas semiestruturadas e livres realizadas com internas do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves.

Este estudo tem como função, por meio da utilização dos princípios sociolinguísticos: (i) fazer uma análise dos vocábulos gírios classificados como figuras de linguagem, especificamente as metáforas; (ii) destacar a importância do estudo da variação linguística; (iii) expor a realidade de uma população marginalizada e invisibilizada para a sociedade, em busca de, por meio da linguística, tecer críticas e rogar pelo respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana.

Portanto, estruturamos este trabalho da seguinte forma: a princípio, apresentamos o referencial teórico, com o propósito de (i) conceituar a gíria e a utilização da figura de linguagem, precisamente a metáfora, na construção desse vocabulário; (ii) contextualizar o ambiente prisional o qual a gíria tem importância no processo de identificação. Em seguida, esclarecemos os procedimentos e princípios metodológicos utilizados em nosso estudo, tomando como referência a Sociolinguística laboviana. E, por fim, fazemos a exposição dos resultados e discussões, fazendo uma breve análise do nosso estudo, trazendo os princípios da Sociolinguística, como o perfil social dos participantes, as gírias de grupo encontradas e as

constatações a que chegamos a respeito da gíria enquanto figura de linguagem.

## **2. Referencial Teórico**

O presente estudo tem caráter sociolinguístico e propõe, conforme abraça a sociolinguística variacionista, um diálogo entre variáveis sociais e linguísticas, a fim de perceber e observar o léxico do ambiente prisional. Diante disso, o referencial teórico é estruturado em 2 subseções: (i) a primeira, a gíria de grupo e a figura de linguagem, a qual tem a função de trazer considerações a respeito de gíria, sua produção e classificação enquanto figura de linguagem metáfora; (ii) e a segunda, breves considerações sobre ambiente prisional e o processo de metaforização da língua.

### **2.1. A gíria de grupo e a figura de linguagem**

As gírias são fenômenos sociolinguísticos que se constituem como uma linguagem criptológica, produzida e utilizada por determinado grupo. Elas têm caráter e funções identitária, de autoafirmação e de proteção de seus membros. Nesse sentido, as gírias podem ser divididas em duas classificações: (i) as gírias em sentido estrito, ou seja, aquelas que conservam seu caráter secreto, configurando-se como um vocábulo desconhecido aos externos ao grupo a que pertencem, chamadas por Preti (1984) de gírias de grupo; (ii) e as gírias comuns, que são léxicos que ultrapassaram as barreiras do grupo e se tornaram conhecidos e (até) utilizados pelos demais da sociedade.

Esses vocábulos criptológicos são utilizados, sobretudo, por grupos preteridos pela sociedade, representando um meio de identificação do indivíduo e de autoproteção do grupo. Nessa perspectiva, conforme revela Preti (1984, p. 90), esse vocabulário secreto constitui-se uma das únicas formas de “identificação e realização pessoal” da pessoa encarcerada, que em meio ao processo de despersonalização causada pela prisionização – processo de aquisição de novo padrão cultural – utiliza esse recurso sociolinguístico para conservar sua personalidade. Diante disso, a condição precária em que o indivíduo está vivendo é revelada pelos vocábulos secretos, como por exemplo

[...]a cela é expressa, entre outras, pelo vocábulo jaula, que apresenta o sema não humano; camburão, vaso em que os presos, durante a faxina,

transportam resíduos fecais, é empregado para carro de transporte de presos. (PRETI, 1984, p. 90)

Nessa perspectiva, podemos observar que a gíria é um vocábulo comum, existente no idioma, mas que sofreu mudanças em seu significado ou forma (Cf. PRETI, 1984). Assim, a formação da gíria pode estar associada a deformação ou mudança de significado da palavra, transformando aquela palavra, como define PRETI (Cf. 2004, p.90), em “um jogo de adivinhação, para os não iniciados”, como é o caso da criação de metáforas a partir do olhar do grupo marginalizado ao mundo.

Assim, de acordo com o que constatamos em nossas entrevistas, emoções e estados de humor constituem sentimentos que influenciam na construção desse vocabulário criptológico. Diante disso, as metáforas consistem nos recursos mais comuns utilizados por esses grupos para a formação dessas gírias (Cf. PRETI, 1984), por exemplo, *presunto* (morto), *pirulito* (grades da cela). Nesse sentido, ressaltamos que a criação e utilização dessas metáforas, além de criptografar a linguagem, está associada a eufemismos, disfemismos e humor.

A metáfora, além de ser definida como recurso estético utilizado na poética, ela representa mais funções. Uma das definições mais antigas de metáfora foi do filósofo Aristóteles, no século IV a.C, que a definiu como a utilização de um vocábulo para denominar outro. Nessa lógica, etimologicamente, a palavra Metáfora, advinda do grego *metapherein*, é formada por *meta*, que significa mudança e por *pherein* que significa carregar.

À vista disso, a professora Remenche (2003) explica que a metáfora é uma figura de linguagem que transforma o significado, levando para um sentido figurado. Dessa maneira, podemos citar o exemplo trazido por Preti (2007), na qual a palavra *jaula* é utilizada para definir cela, já que naquele ambiente os internos privados de liberdade sentem como se estivessem enjaulados como animais. Assim, percebemos que o sentido figurado assumiu o significado da palavra a partir de semelhanças e identificação com o sentido original.

Nesse viés, Lakoff e Johnson (2002) definem a metáfora como recurso que assume mais funções do que apenas tornar um texto ou uma fala bonita, como era dito em definições tradicionais. Segundo os autores, ela constitui-se como um processo cognitivo intrínseco da conceitualização humana, representando um elo entre domínios semânticos diversos – os autores elaboraram a teoria da metáfora conceitual, onde conceituali-

zar de acordo com uma experiência em cima de outra, geralmente de forma inconsciente— como uma forma de ampliar significados.

Assim, levando em conta as considerações de Lakoff (2012), as metáforas são culturais e seu conceito está associado à cultura de onde ela nasce. Diante disso, Sardinha (2007, p. 33) discorre que “as metáforas conceptuais são culturais. Elas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em determinada cultura”. Nesse sentido, para que ocorra uma comunicação entre os interlocutores se faz necessário que todos eles estejam inseridos no mesmo ambiente cultural, como é o caso, por exemplo, das gírias de grupo, que são originadas e compartilhadas, inicialmente, naquele grupo restrito.

À face do exposto, no contexto do nosso estudo, podemos discorrer que a metáfora, enquanto gíria de grupo, é uma figura de linguagem utilizada como recurso para a criptografar a língua, formada no âmbito cultural do presídio, com significado acessível somente aos que vivem aquela realidade cultural, sendo o resultado de um processo cultural cognitivo de seus criadores e usuários.

## ***2.2. O ambiente prisional***

Espinosa (2004, p. 78) define a prisão como “uma instituição totalizante e despersonalizadora”, onde a violência é uma realidade e os indivíduos inseridos naquele ambiente vivem em meio a insegurança e a precariedade estrutural. Diante disso, a situação desse local, aliado à marginalização feita pela sociedade aos indivíduos presos, causa o processo de despersonalização do indivíduo encarcerado. Nessa perspectiva, o ambiente prisional é definido por Sparks (SPARKS, 1971 *apud* THOMPSON, 2002, p. 22) como “uma sociedade dentro da sociedade”, com essa afirmação o autor quer dizer que o espaço prisional possui suas próprias leis e cultura.

Em consideração a isso, Braga (2008, p. 37) descreve que um indivíduo ao ser inserido em um presídio é “obrigado a reconfigurar suas relações anteriores” passando “a viver em uma sociedade na qual ele se relaciona com um número limitado de pessoas” de forma obrigatória. Assim, integrada nesse novo ambiente, o interno passa pelo processo de prisionização, que se constitui na adaptação e apropriação de elementos de uma nova cultura, como por exemplo, a inserção em uma nova forma de comunicar. Assim, com uma organização alternativa citada por Sparks

e endossada por Thompson (2002), é produzida também, além de regras e costumes, uma linguagem própria no ambiente prisional, como é o caso dos vocábulos gírios, citados na subseção anterior.

Nessa perspectiva, as mulheres encarceradas, que têm sua população crescendo no Brasil a cada ano segundo dados do INFOPEN (2019), além de estarem inseridas nessa realidade descrita, tem ela agravada em razão da desigualdade de gênero e racial. De acordo com a Pastoral carcerária (2016, p. 62), o ambiente prisional “(...) é estruturalmente machista, sendo grande parte das suas políticas públicas desenhadas exclusivamente para a população masculina”. Assim, a desigualdade de gênero soma-se com o processo de despersonalização e invisibilização. Ademais, a desigualdade racial, que atinge a maior parte das mulheres em situação de privação de liberdade, representa mais uma forma de opressão na qual essas internas são atingidas, ocasionando numa violação de direitos a pessoa privada de liberdade.

Diante disso, por todo exposto, podemos afirmar que o metáforismo gírio é utilizado pelas internas dos presídios para “(...) satisfazer necessidades advindas da formação de grupos, composto de elementos que tenham interesses comuns” (CABELLO, 1989 *apud* DE OLIVEIRA, 2006, p. 27), criarem uma identidade própria e autoprotegem-se.

Nesse viés, iniciamos nosso estudo a partir dessas breves considerações teóricas a respeito do que será analisado, com base nos pressupostos sociolinguísticos, ressaltando a importância do estudo dos fenômenos que ocorrem no português brasileiro, bem como, os fatores sociais que estão associados a ele.

### **3. *Procedimentos e princípios metodológicos***

Os princípios e procedimentos metodológicos, alinhados ao referencial teórico, indicam por quais caminhos a pesquisa deve seguir para ganhar forma e resultado (Cf. SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2014). Sendo assim, neste estudo, realizamos uma pesquisa quanti-qualitativa, com análise dos dados coletados de acordo com os preceitos sociolinguísticos labovianos (2010) e as observações do professor Preti (2004).

Nesse sentido, Labov (2010) orienta que, para a coleta de dados, o pesquisador deve selecionar a comunidade de fala, bem como seus informantes. O teórico ainda complementa que é necessário que o pesquisador fale a respeito da gravação e da presença do aparelho de gravação

de forma que minimize essa tecnologia e promova a interação mais natural possível com o informante, a fim de que, dessa forma, a entrevista possa fluir de modo natural e seja possível a captação e análise dos dados de forma efetiva e próxima a realidade.

Diante disso, considerando essas recomendações metodológicas, a coleta de dados foi realizada da seguinte forma: (i) foi elegido como local de pesquisa Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, localizado à rua 24, nº 13, bairro Conveima I, na cidade de Vitória da Conquista, no estado da Bahia; e (ii) foram escolhidas, como informantes, as internas da Ala Feminina; (iii) para a realização das entrevistas foi efetuada uma solicitação para a administração do presídio, sendo prontamente autorizada; (iv) em seguida, foi realizada a entrevista com 13 (treze) mulheres encarceradas - a princípio, o planejado seria realizar a continuação das entrevistas e atingir o percentual de 50% das encarceradas, em torno de 18 a 23 internas, no entanto, em março de 2020 ocorreu a suspensão de atividades consideradas não essenciais em razão da pandemia da Covid-19 (Sars-CoV-2), pausando a realização das entrevistas.

Ademais, as entrevistas foram realizadas de forma livre ou semi-estruturadas, conduzidas de forma parcial por um questionário, acompanhadas e resguardadas pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelas informantes, bem como pela pesquisadora. Nesse sentido, para a gravação foi utilizado um gravador (marca Sony). As entrevistas variaram em torno de trinta minutos a uma hora e trinta minutos, em razão das restrições do estabelecimento carcerário. Além da gravação, antes da entrevista foi preenchida pela pesquisadora uma ficha social de cada informante, a fim de coletar dados objetivos a respeito de sua vida<sup>2</sup>.

Dessa forma, as entrevistas foram realizadas em três ambientes diferentes do presídio, sendo o da primeira entrevista, que foi realizada em dezembro de 2019, uma sala com a presença de uma policial carcerária e com a informante algemada; as demais entrevistas foram realizadas em janeiro de 2020, parte no pátio do presídio, na qual as internas não estavam algemadas; e as três últimas entrevistas ocorreram no interior nas celas, apenas com a presença da pesquisadora e das internas. Destarte,

---

<sup>2</sup> A ficha social constitui-se em um documento preenchido antes da entrevista, onde são coletadas informações pessoais/sociais das informantes, como nome, estado civil, cor/etnia, profissão, e outras questões pessoais como preferências de atividades realizadas, envolvendo lazer e cotidiano. A partir do preenchimento da ficha social é possível nortear de forma mais natural o pesquisador na condução da entrevista, que se deu, neste caso, de forma semiestruturada e livre.

após ouvir e transcrever as entrevistas, foram colhidos as amostras, analisadas e selecionadas para serem utilizadas neste estudo.

#### **4. Resultados e discussões**

As figuras de linguagem se apresentam enquanto variações linguísticas a fim de proporcionar ao usuário um recurso linguístico para se expressar. Assim, para compreender sua formação, levando em consideração os princípios sociolinguísticos, devemos entender o ambiente no qual ela é produzida ou utilizada.

Nesse sentido, apresentamos os resultados deste estudo, realizado na ala feminina do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves, neste tópico, dividido em duas subseções: (i) a primeira, intitulada “o perfil social das participantes” tratará das variáveis sociais das internas, demonstrando o perfil social das informantes da pesquisa; (i) a segunda e última subseção, “Sociedade dentro da sociedade: as gírias de grupo e o processo de metaforização no Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves” será apresentado as gírias de grupo encontradas que podem ser classificadas enquanto figuras de linguagem metafórica, bem como algumas considerações a respeito de questionamentos que rodeiam esses vocábulos gírios.

##### **4.1. O perfil social das informantes**

A sociolinguística variacionista (Cf. LABOV, 2010) tem o propósito de descrever e elencar as variações e mudanças linguísticas, considerando a linguagem em seu contexto social. Nesse sentido, compreendemos ser fundamental, para uma melhor compreensão do tripé língua, indivíduo e sociedade, apresentarmos o perfil social e cultural ao qual as detentas vivem e estão inseridas. Diante desse objetivo, nós fizemos uma ficha social de cada informante a fim de fazer uma análise sociocultural da entrevistada.

Consoante ao que já foi esclarecido na seção sobre metodologia, os dados coletados são analisados qualitativamente, apresentando o perfil social das treze entrevistadas, que foram escolhidas aleatoriamente pela administração do presídio. Diante disso, por meio das entrevistas e da ficha social, constatamos que

- Das 13 informantes, 31% (trinta e um por cento) informaram não ter nenhum tipo de escolaridade; 31% (trinta e um por cento) relataram possuir Ensino Fundamental completo ou incompleto; 23% (vinte e três por cento) esclareceram possuir Ensino Superior completo ou incompleto; e 15% (quinze por cento) revelaram possuir Ensino Médio completo ou incompleto. Com base nesses dados, podemos observar que 62% (sessenta e dois por cento) das internas entrevistadas possuem, no máximo, o Ensino Fundamental completo. As demais 38% (trinta e oito por cento) distribuem-se entre Ensino Médio e Ensino Superior, seja incompleto ou finalizado. Assim, esses dados nos permitiram constatar que a baixa escolaridade é presente na maioria das entrevistadas, o que pode correlacionar esse fator a situação que levaram as entrevistadas ao encarceramento.

Além do mais, os dados revelaram que a maioria das informantes, 63% (sessenta e três por cento) são solteiras, ao passo que 37% (trinta e sete por cento) são casadas ou vivem em união estável. Outro ponto que nos chamou atenção foi quanto a cor/etnia das entrevistadas, as quais 69% (sessenta e nove por cento) autodeclararam negras (pretas ou pardas de acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE), enquanto que 31% (trinta e um por cento) se autodeclararam brancas, condizendo com a realidade carcerária brasileira.

Para além da análise da ficha social, nas entrevistas as internas relataram passar por situações em que seus direitos fundamentais eram violados. Um exemplo dessa violação seria o tratamento desigual em relação à ala masculina, sendo preteridas e deixadas de lado quando a distribuição de recursos. E por fim, outro ponto frequente nas falas das informantes foram o relato de violência sofridas dentro do presídio, vinda, tanto por parte das internas, quanto por parte institucional.

Isto posto, os dados nos permitem inferir que a realidade carcerária do Conjunto penal Advogado Nilton Gonçalves segue a regra da realidade nacional, que tem em uma população carcerária maioria de cor/etnia negra e advindas de classe social baixa, levando em conta os dados informados pelos relatórios do Sistema de Informações Estatística do Sistema Penitenciário Brasileiro (INFOPEN, 2019).

#### 4.2. *Sociedade dentro da sociedade: as gírias de grupo e o processo de metáforização no Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves*

Thompson (2002), em seus estudos, compara o ambiente prisional como outra sociedade, diversa do mundo depois dos muros da prisão, organizada de acordo com suas regras e costumes. Nesse sentido, levando em consideração as suas observações, podemos inferir que essa organização e esses costumes próprios também é refletido na linguagem, que, conforme citado em Introdução e em Referencial Teórico, é a forma do ser humano comunicar, expressar e ser na sociedade. Diante disso, essa linguagem, manifestada de várias formas, podem ser encontradas na modalidade oral, marcada por variações dentro do próprio Português Brasileiro, como o caso das gírias de grupo.

Nesse sentido, o estudo do vocabulário gírio da ala feminina do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves atestou que a metáfora é um dos recursos utilizados para a produção desse fenômeno sociolinguístico. Assim, a análise das entrevistas realizadas constatou a ocorrência de uma variedade de gírias, que, levando em conta os ensinamentos de Preti (1984), podem ser classificadas enquanto gírias de grupo e gírias comuns. À vista disso, para este trabalho, nós selecionamos oitogírias de grupo utilizadas pelas internas, que podem ser classificadas enquanto figuras de linguagem, especificamente metáforas.

As primeiras gírias que revelamos configuram como metáforas humorísticas para indicar um local. O primeiro vocábulo é *praia* e o segundo é *pista*, ambos carregam o mesmo significado, que diz respeito a chão das celas entre as camas, e a existência dessas duas palavras demonstra ainda uma variante de região, já que, de acordo com a informante, uma é utilizada em um presídio de uma cidade e a outra em outra cidade:

Excerto 1:

[...]

INFO 01: *quem dorme no chão é que dorme na praia, lá em Jequié eles falam pista, quem dorme no chão dorme na pista, e aqui a gente fala que dorme na praia.*

Além disso, foi detectado também na fala gíria das informantes a presença de metáforas referente a animais para denotarem a uma pessoa ou a um objeto. Esse é o caso de *mula*, que significa pessoa transportadora de drogas, assim como uma mula, animal, que transporta cargas. E a segunda expressão é o caso do vocábulo *boi*, que significa banheiro:

Excerto 2:

[...]

INFO 02: ...quando eu cheguei tinha muita mula [...]

Excerto 3:

[...]

INFO 03: ...minha mãe fala, tu tá falando isso porque, quando eu falo 'minha mãe vai no boi, vai no banheiro.

Outra metáfora encontrada, inclusive junto ao estrangeirismo *Jack*, foi a palavra *Seguro*, designado para indicar a cela isolada destinada as mulheres privadas de liberdade condenadas ou acusadas de crimes considerados mais desprezíveis pela sociedade, como crimes sexuais e crimes contra crianças:

Excerto 4:

[...]

INFO 04: *Todo mundo que cai pro seguro é chamado de Jack.*

Além dessas criações, percebemos a criação de gíria a partir de um verbo. Ao falar sobre visitas, constatamos a palavra *vencer* enquanto uma metáfora utilizada para solicitar ou aceitar uma visita. De acordo com o excerto percebemos ainda que o verbo pode ser flexionado, assim como existe em seu sentido original, de acordo com a forma que foi usada na oração:

Excerto 5:

[...]

INFO 05: ...e ele preso lá no Novo, e aí e começaram a se envolver por carta, aí ele perguntou se não vencia uma visita com ela, ela foi né, e falou que vencia [...] eu venço uma visita com você...

Nesse Excerto, a interna (INFO 05) faz a narrativa de um fato ocorrido com sua amiga, que começou a se relacionar com uma pessoa encarcerada na ala masculina, por meio do envio de cartas e então, durante essa conversa, foi questionado por ele se “vencia” uma visita, ou seja, se ela poderia visitá-lo.

Ademais, os últimos vocábulos gírios apresentados aqui são utilizados geralmente de forma composta. São as palavras tirar de boa e passar o bonde. Nossa hipótese é de que cada uma delas podem ser construídas de outra forma, carregando o significado da gíria, mas com a adição de mais algum fato.

Excerto 6:

[...]

INFO 06: ...quem não é do tráfico tira de boa.

Excerto 7:

[...]

INFO 07: ...quando a gente manda e vai passar alguma coisa pra outra cela, aí a gente fala *passar o bonde*, a gente coloca a sacola no rodo e empurra a mão... e quando passa a grade que a gente chama de *pirulito*...

No excerto 6 a informante (INFO 06) diz que quem não está no presídio condenada ou acusada de tráfico de drogas cumpre pena tranquilamente, e a informante 07 fala *passar o bonde*, para se referir a uma forma improvisada de transportar objetos de uma cela para outra por meio de um rodo.

Observando os excertos percebemos que esse processo de criação das metáforas envolve um processo de comparação (criar analogias), ainda que vagas e impercebíveis fora do grupo, entre o conceito original da palavra e o figurado (Cf. MARTINS, 1997). Esse processo de metaforização, citado também por Preti (1984), representa um recurso que reflete expressividade, com ironias e humor, necessidade de identificação e de proteção do grupo, com a dissimulação do que se é falado (Cf. MARTINS, 1997).

Para além de detectar a presença das criações metafóricas, constatamos a presença de preconceito linguístico nas falas de algumas internas, tanto por parte delas, quanto nos relatos que elas fizeram, sobre a reação de terceiros ao ouvir os vocábulos do grupo marginalizado. Além desse fato, observamos que, conforme afirmou Preti (2004), ao serem introduzidas no ambiente prisional, as variações se tornavam parte da identidade da maioria das entrevistadas, levando-nos hipóteses de que as variáveis sociais implicam na introdução da gíria no vernáculo pessoal da informante, tanto no que diz respeito a adoção, quanto ao não aceitamento.

Destarte, constatamos a existência e uso dessas criações metafóricas na língua como resposta do grupo ao ambiente em que vive, nos revelando que os problemas do sistema prisional brasileiro não devem ser alheios às nossas pesquisas linguísticas. Diante disso, podemos reafirmar o que a língua é heterogênea e responsável pela nossa comunicação e disseminação do falar, e nesse viés, a metáfora constitui um recurso importante para a produção de vocábulos gírios, ou seja, importante para o vernáculo do grupo marginalizado, especialmente para oralidade.

## 5. Reflexões finais

Nosso trabalho, fundamentado nos critérios metodológicos da Sociolinguística, teve como objetivo investigar os vocábulos gírios que poderiam ser considerados figuras de linguagem, presentes na fala das mulheres encarceradas, tomando como corpus de análise o vernáculo das internas do Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves. Assim, por meio deste estudo constatamos a presença de variações linguísticas, especificamente os vocábulos gírios, que podem ser apontadas como figuras de linguagem, inicialmente, neste trabalho, classificadas como criações metafóricas.

Ademais, com a análise ainda foi possível observar que a utilização desse vocabulário gírio faz parte da construção identitária das internas naquele grupo, ao mesmo tempo em que proporciona uma linguagem criptológica, ou seja, não acessível aos demais. Além disso, foi possível notar a presença de uma organização, além da organização institucional do presídio, estabelecida pelas próprias internas, as quais ditam suas próprias regras e formas de comportamento. Ainda, foi possível constatar que a realidade do sistema prisional brasileiro, de forma geral, condiz com a realidade vivida no presídio, com graves relatos de precariedade estrutural e violação de direitos fundamentais, agravados, inclusive, em razão da desigualdade de gênero e racial.

Dessa forma, diante de toda essa constatação linguística e social, podemos reiterar que a língua se configura como um fenômeno social vivo, heterogêneo e variável que se desenvolve junto a sociedade, assumindo, muitas vezes o lugar de opressão, mas também de liberdade, de natureza identitária e de autoproteção. Assim, no contexto estudado, podemos afirmar que as figuras de linguagem, especialmente as metáforas, são recursos disponíveis para produção de gírias, a serem utilizadas por pessoas em situação de privação de liberdade como forma de marcação de identidade e autoproteção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *A identidade do Preso e as Leis do Cárcere*. Dissertação (Mestrado na área de Concentração Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. 215f.

DE OLIVEIRA, Maria Luciana Teles. *A Gíria dos Internos da Febem*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontífca Universidade Católica de São Paulo, 2006, 116f.

ESPINOSA, Olga. *A mulher encarcerada em face do poder punitivo*. São Paulo: IBCCRIM, 2004. 180p.

INFOPEN. Departamento Penitenciário Nacional. *Levantamento nacional de informações penitenciárias*. Brasília, 2014. Relatório.

\_\_\_\_\_. Departamento Penitenciário Nacional. *Levantamento nacional de informações penitenciárias*. Brasília, jul./dez. 2019.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 3: Cognitive and Cultural Factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. p. 419

LAKOFF, George. A Metáfora, As Teorias Populares E As Possibilidades Do Diálogo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 9, p. 49-68, Campinas-SP, 2012. DOI: 10.20396/cel.v9i0.8636724. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/863672>. Acesso em: 30 set. 2021.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *As metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MARTINS, Nilce Sant’anna Martins. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.

PASTORAL CARCERÁRIA. *Teoria em tempos de encarceramento em massa*. São Paulo: ASAAC, 2016. (Relatório). Disponível em: [https://carceraria.org.br/wpcontent/uploads/2016/10/Relatório\\_Tortura\\_e\\_m\\_Tempos\\_de\\_Encarceramento\\_em\\_assa-1.pdf](https://carceraria.org.br/wpcontent/uploads/2016/10/Relatório_Tortura_e_m_Tempos_de_Encarceramento_em_assa-1.pdf) Acesso em: 10 nov. 2020.

PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 216p.

\_\_\_\_\_. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984. 130p.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. *As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2003. 107f.

SACCONI, Luiz Antônio. *Gramática comunicativa Sacconi*. 1. ed. São Paulo: Nova Geração, 2008.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. *Metodología de La Investigación*. 6. ed. MCGRAW-HILL / INTERAMERICANA EDITORES, S.A. DE C.V. México, 2014.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

THOMPSON, Augusto. *A Questão Penitenciária*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002. 146p.